

Apresentação

O estado dos estudos e das publicações sobre anarquismo no Brasil hoje

*Andrey Cordeiro Ferreira
Tadeu Bernardes de Souza Toniatti*

No Brasil e no mundo conhece-se relativamente pouco sobre o anarquismo no século XIX e a obra teórica de Mikhail Bakunin, particularmente. Esse desconhecimento é resultado de diversos fatores, especialmente de três que iremos destacar aqui. O primeiro deles é a evolução contraditória da ação das classes trabalhadoras em diferentes países, da dinâmica política que levou à repressão, combinada com a hegemonia de outras ideologias e autores, o que resultou na marginalização e invisibilidade histórica relativa¹. O segundo é a dispersão das fontes primárias, dos arquivos e das obras de Bakunin, de maneira que a construção de um arquivo unificado e acessível foi um processo descontínuo e, em certa medida, recente e ainda assim incompleto². Por fim, a difusão das obras existentes foi marcada pela opção por edição de textos fragmentados organizados em coletâneas que são, na verdade, em um

-
- 1 Esse processo não impediu o acesso às obras de Bakunin, mas transformou o pensamento de Bakunin no que James Joll denominou de “heresia moderna” e Michel Foucault de “saber sujeitado”, de maneira que sua condição de saber teórico era negada e rebaixada à categoria de “não científica”. Isso deixou uma série de lacunas sobre a história do movimento operário e socialista.
 - 2 James Gillaume, ex-militante da Federação do Jura, da Aliança e colaborador próximo de Bakunin, foi um dos principais responsáveis pela organização da documentação. Depois, Max Nettlau reuniu bastante documentação. Hoje grande parte dessa documentação está reunida na Holanda, no International Institute of Social History, arquivo no qual nos baseamos em parte para obter as fontes da presente publicação. Um dos responsáveis pelo estabelecimento dos arquivos de Bakunin no IISH/IISG, Arthur Lehning, também publicou versões anotadas de obras de Bakunin, como Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, o mundo real e o homem, que utilizamos como fonte.

grande número de casos, montagens de frases e fragmentos de textos agrupados pelos editores ou por intelectuais e figuras históricas específicas (algumas delas antigos militantes da Associação Internacional dos Trabalhadores - AIT) e que são atribuídas como “obras” de Bakunin³. Dessa maneira, não é somente a hegemonia política de correntes ideológicas rivais ou a dificuldade do acesso a fontes, mas as opções editoriais (também opções políticas) que levaram à criação de diversos bloqueios ao estudo histórico e sociológico do anarquismo e do pensamento e prática de Mikhail Bakunin. As publicações tiveram, assim, efeito contraditório, de divulgação e de bloqueio cognitivo.

Não iremos aqui fazer um balanço exaustivo desse universo, mas é fundamental comentar os traços principais dessas linhas editoriais e como influenciam os estudos do anarquismo para enfatizar como a presente publicação representa não somente uma inovação por oferecer documentação inédita, mas uma ruptura em relação a esse padrão editorial e às publicações disponíveis em língua portuguesa (e mesmo inglesa e francesa, que foram, em grande medida, os textos base ou paradigmáticos para traduções brasileiras), podendo ajudar, nesse sentido, a lançar uma nova luz sobre os estudos sobre o anarquismo e sobre a forma como o anarquismo é apropriado enquanto instrumento de análise teórica, política e de crítica social.

Nós podemos falar de três tipos de linha editorial e de pesquisa: 1) uma primeira linha memorialista, de militantes e historiadores como José Oiticica e Edgar Rodrigues, que compilaram documentos do sindicalismo da primeira metade do século XX e influenciaram a formação dos estudos contemporâneos; 2) a linha publicista, basicamente de publicação de traduções de obras de autores sobre a história do anarquismo e de coletâneas de textos

3 Esse processo tem início com militantes como Carlo Cafiero e Élisée Reclus. Max Netlau (1979) indica como se deu esse processo e algumas causas. Esse processo ocorreu também em língua inglesa, sendo Benjamin Tucker um tradutor e editor que publicou manuscritos com essa mesma lógica. Um texto emblemático é “Deus e o Estado”, que foi diversas vezes publicado, mas trata-se na verdade de um fragmento do segundo volume do *O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social*. Esse procedimento foi posteriormente reproduzido por editores importantes como o francês Daniel Guérin, que organizou obras em francês estruturadas dessa maneira, e por Grigori Petrovitch Maximov (1893-1950), anarco-sindicalista russo que editou algumas obras de Bakunin nos EUA. Isso se expressa na própria política editorial em língua portuguesa e inglesa, que apresenta uma característica bem particular: a fragmentação das obras e o grau sistemático e ostensivo de intervenção dos autores nos textos de Bakunin. Dessa maneira, enquanto na língua francesa se tentou aproximar Bakunin do “comunismo”, em países de língua inglesa ele era frequentemente tratado como um “individualista”. Em traduções espanholas e russas, segundo as nossas fontes, essa situação é um pouco diferente, já que existiram publicações de obras na sua integralidade.

anarquistas, especialmente entre 1978-1990, sem maiores preocupações teóricas; 3) uma linha acadêmica de pesquisas sobre o “anarquismo” no Brasil, que começa em 1980 e se estende, com algumas pequenas variações, até hoje, e que vai se desdobrar basicamente em duas vertentes: a) historiográfica, do sindicalismo e anarquismo na Primeira República; b) educacionista, que busca uma relação entre anarquismo e “educação e cultura” através de recortes históricos ou temáticos (formas culturais da classe trabalhadora na república velha, biografias de personagens históricos específicos, temas de gênero e exame de movimentos contraculturais ou sociais específicos)⁴.

As edições contemporâneas de obras sobre o anarquismo e Bakunin sobre as quais temos conhecimento no Brasil datam do final dos anos 1970 e estão todas dentro da linha publicista⁵. Assim temos os livros “O Socialismo Libertário”, da Global Editora em 1979, depois “O Anarquismo e a Democracia Burguesa” (coletânea de textos de Engels, Bakunin, Kropotkin, Malatesta e Guérin), da Global Editora, em 1980. Ao longo dos anos 1980 são publicados livros organizados por Daniel Guérin⁶: “Proudhon Textos Escolhidos”, pela LPM, em 1980; “Bakunin Textos Escolhidos”, pela LPM em 1983; “Os Anarquistas Julgam Marx”, pela LPM, em 1986. Ainda no início da década de 1980 temos as traduções das obras de George Woodcock⁷ “Os

-
- 4 Um exame realizado no Banco de Teses da Capes, que reúne as dissertações de mestrado e doutorado catalogadas a partir de 1987, nos permite fazer esse diagnóstico: 256 dissertações de mestrado e 85 teses de doutorado possuem em seu conteúdo alguma menção ao termo “anarquistas/anarquismo”. Grande parte dessas dissertações/teses não se dedica exclusivamente à história dos anarquistas/anarquismo. Mas esse é um bom indicador da produção sobre o tema.
 - 5 Não iremos tratar aqui da literatura memorialista presente nas formas editoriais independentes dos anos 1930-1970. De toda maneira, estas abordagens influenciam direta ou indiretamente as duas demais linhas de pesquisa e publicação posteriores. A obra de Edgar Rodrigues é fundamental para a compreensão da emergência dessas publicações.
 - 6 Intelectual francês (1914-1988) que defende uma concepção de “marxismo libertário” e depois irá se considerar anarco-comunista. Responsável pela edição de alguns livros sobre anarquismo. Foi ativista da CGT (Confederação Geral do Trabalho) francesa e do grupo denominado esquerda revolucionária do SFIO (Seção Francesa da Internacional Operária), e depois membro do Partido Socialista Operário e Camponês.
 - 7 George Woodcock (1912-1995), intelectual e escritor canadense. Diferentemente dos autores como Guérin e Maximoff, Woodcock aproxima-se do anarquismo exclusivamente como gênero literário, não tendo uma trajetória de ação política. Esteve vinculado à publicação como poeta: fundou em 1959 a revista Canadian Literature, e em 1962 editou o livro *Anarchism: A History of Libertarian Ideas and Movements*, que serviu de base para as traduções ao português no Brasil.

Grandes Escritos Anarquistas” Volume II, e o “Movimento e Anarquismo Vol I: As Idéias” pela LPM em 1981 e 1984; depois a sua reedição como “História dos Movimentos e Ideias anarquistas” (dois volumes), em 2002 pela LPM. No final dos anos 1980 temos alguns títulos tais como “Bakunin por Bakunin: Cartas” (Novos Tempos, Brasil); “Escrito Contra Marx” (Novos Tempos, Brasil); “Deus e o Estado” e “Federalismo, Socialismo, Antiteologismo” pela Cortez Editora, ambos de 1988; “O Princípio do Estado/Três Conferências Feitas aos Operários do Vale de Saint-Imier” (Novos Tempos, Brasil), de 1989⁸.

Do final dos anos 1990 em diante, temos toda uma série de textos publicados pela Editora Imaginário, sejam reedições de textos anteriores ou novos textos como “Os Ursos de Berna e o Urso de São Petersburgo” (Revista Novos Tempos 2, 1998); “Textos Anarquistas” (1999, 2002, 2006); “Deus e o Estado” (2000); “Escritos Contra Marx” (2001); “Mikhail Bakunin - Instrução Integral” (2003), “Estatismo e Anarquia” (2003); “Essência da Religião/O Patriotismo” (2009); “Mikhail Bakunin - Catecismo Revolucionário/ Programa da Sociedade da Revolução Internacional” (2009)⁹. Em 2006 foi publicado “A Comuna de Paris e a Noção de Estado”, no livro organizado por Oswaldo Coggiola “Escritos sobre a Comuna de Paris” (Xamã, Brasil).

O exame dessas publicações mostra exatamente o caráter dúbio das mesmas. Certamente elas cumprem um papel importante de difusão e popularização. Ao mesmo tempo, alguns dos textos (tais como “Deus e o Estado”, “O princípio do Estado”, “A Comuna de Paris” e a “Noção de Estado” são fragmentos retirados de manuscritos ou de textos integrais e publicados fora do seu contexto, muitas vezes com exclusões de trechos significativos. O livro “Socialismo Libertário” da Global Editora é uma coletânea de artigos publicados por Bakunin no jornal *Le Progrès*, em 1869, e os textos contidos em “Escritos contra Marx” são do mesmo jornal, do ano de 1872, da polêmica com Marx em torno da cisão da internacional ocorrida no Congresso da AIT, realizado em Haia. Os “Textos Escolhidos”, de Daniel Guérin, são fragmentos de textos organizados pelo editor e extraídos de obras distintas, ou seja, não são obras de Bakunin, mas composições textuais editadas por Guérin. Dessa maneira, essa massa de publicações ou apresenta esse proble-

8 Para ver um levantamento das publicações em língua portuguesa (Brasil e Portugal) de textos de Bakunin, ver “A bibliografia de Mikhail Bakunin”, por Felipe Corrêa em: <http://arquibobakunin.blogspot.com/2010/07/bibliografia-de-mikhail-bakunin.html>.

9 Não podemos deixar de mencionar aqui inúmeros sites em língua portuguesa e inglesa que divulgam textos de Bakunin, como o Marxist Internet Archives e o Anarchy Archives, que são instrumentos de referência importantes no atual contexto.

ma da intervenção editorial ou não possui uma satisfatória contextualização e caracterização histórica das fontes que lhes servem de base. De toda maneira, a publicação de textos como “Federalismo, Socialismo, Antiteologismo”, “O Urso de Berna e o Urso de São Petersburgo” e outros integrais, é uma contribuição importante, pois essas são obras que possuem, minimamente, uma unidade interna.

Isso nos permite chegar então a outra questão, isto é, de como essas publicações sobre o anarquismo e Mikhail Bakunin em língua portuguesa se relacionam a interpretações da obra de Bakunin e do anarquismo. Esta linha de publicações foi acompanhada e sucedida, em certa medida, pela linha acadêmica. Esses estudos e suas características internas e desafios estão relacionados à história da formação da classe trabalhadora no Brasil, ao contexto do sistema mundial e aos dilemas históricos e teóricos que são apresentados à interpretação das mesmas¹⁰. Podemos dizer que desde a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, formaram-se dois campos no estudo sobre a história da classe trabalhadora, do socialismo e do anarquismo no Brasil:

a) a interpretação social-democrata ou marxista da história do movimento operário e das classes trabalhadoras (fundada nas interpretações da obra de Marx), que coloca o desaparecimento do anarquismo como efeito do desenvolvimento das forças produtivas e da formação dos Partidos Socialistas/Comunistas, que assumiriam então a “hegemonia” do movimento operário, fazendo o anarquismo “declinar” como um resultado inevitável da industrialização. Assim, existe uma concepção de história global que nega a possibilidade de qualquer forma de alternativa ao marxismo como expressão de consciência de organização dos trabalhadores, concebendo somente essa consciência como resultado de etapas históricas da qual o Partido de Massas seria a expressão superior e o anarquismo um fenômeno pré-moderno e pré-industrial;

b) a formação de histórias críticas que são revisões, cisões ou alternativas à visão marxista. Isso tem se refletido no período atual (1980-2014), na histo-

10 Basta observar que, no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq encontramos os seguintes grupos que abordam o tema anarquismo: i) Discurso, representações e práticas sociais; Marly de Almeida Gomes Vianna; Educação e Cultura Anarquistas: Arquivo João Penteadó; Carmen Sylvia Vidigal Moraes; História dos Partidos e Movimentos de Esquerda na Bahia, Carlos Zacarias Figueirôa de Sena Júnior; História, Memória e Patrimônio do Trabalho, Luigi Biondi; Imigração Urbana e Diásporas Contemporâneas, Lená Medeiros de Menezes; Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política, Jacy Alves de Seixas; Observatório do Trabalho na América Latina, Wallace dos Santos de Moraes; NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária, Edson Passetti. Dos oito grupos, seis são da área de história, um da educação, e um da ciência política e sociologia.

riografia e na produção que trata do tema anarquistas/anarquismo no debate entre as teses de historiadores, entre os que tentam criticar a tese evolucionista criada pelo PCB e, nesse sentido, formularam hipóteses distintas, basicamente para se contrapor a essa interpretação. Alguns entendem que a repressão foi o fator fundamental para explicar esse “declínio do anarquismo” (ver Samis, 2002). Outros estudos tentam abordar as percepções de anarquistas, seus debates e contradições internas e fazem a crítica da principal tese da historiografia marxista, de que o anarquismo foi substituído pelo comunismo em razão da própria evolução econômica ou somente da repressão (Bonomo, 2007). No interior desse debate se formou também uma vertente de estudos não historiográficos, aplicados a temas como cultura, educação e contracultura, que tentam estabelecer um nexos direto entre “anarquismo” e teorias contemporâneas, especialmente a obra de Michel Foucault, mas também de autores pós-modernos. Nessa perspectiva, o anarquismo é uma espécie de “campo de crítica cultural ou pós-estruturalismo” (ver Rago, 2009 e Paseti, 2004) e serve para expressar uma posição literária e filosófica de contestação do “poder/dominação” em esferas como cultura, sexualidade, repressão/prisão, gênero etc.¹¹, sem guardar nenhuma relação de continuidade com as diferentes organizações políticas e sindicais anarquistas históricas, nem com as teorias de Proudhon e Bakunin.

De maneira geral esses estudos não consideram a existência histórica de uma teoria anarquista. Há muito pouco investimento na análise histórica e sociológica da especificidade do anarquismo enquanto filosofia e teoria. Por um lado, os estudos que entendem o anarquismo a partir da abordagem historiográfica não aprofundaram a discussão sobre a teoria. Partiram da história do sindicalismo propriamente dito. De outro lado, os estudos que tentam criar uma identidade entre o anarquismo e pós-estruturalismo ou a crítica cultural recusam a existência dessa teoria, no mesmo movimento em que transformam o pós-estruturalismo em um “tipo de anarquismo”. Aqui, então, é preciso fazer algumas observações sobre as características teóricas de tais estudos. Em todas essas abordagens, a história dos sindicalismos é exclusivamente nacional, os elementos internacionais não são analisados em termos de fluxo e rede na constituição dos significados históricos e, assim como o marxismo, deixam a história da classe trabalhadora como fenômeno do sistema mundial de lado (como, por exemplo, a formação e dissolução da AIT, que é dado como um processo resolvido e por isso não revisitado). Assim, faz-se a história do sindicalismo revolucionário no Brasil, mas pouca atenção é dispensada aos fundamentos teóricos do sindicalismo revolucionário, o anarquismo e à concepção federalista de Proudhon e Bakunin.

11 No primeiro campo estão estudos de historiadores como Alexandre Samis e, no segundo caso, estudos de Edson Paseti e as pesquisas do NUSOL-PUC/SP.

Por isso, o anarquismo, sem uma teoria específica, passa a ser identificado com determinadas abordagens teóricas “críticas do poder”, de maneira que qualquer um que reivindique a oposição à autoridade seria “anarquista”¹². Essa tendência se expressa na ideia de “anarquismos no plural”, em que o anarquismo é composto de várias correntes, todas igualmente legítimas, exprimindo a celebração do “pluralismo”.

O conceito de anarquismos no plural remonta ao conceito sintetista de anarquismo¹³, formulado nos anos 1920 (consolidando uma tendência dos grupos anarco-comunistas), e que vai produzir um importante efeito histórico. Ele vai tender a ignorar a história dos diferentes grupos e organizações e personagens concretos (grupos que às vezes se opunham em armas) e instituir a ideia da unidade de um “movimento anarquista”, que abrangeria todos os grupos e todas as concepções de anarquismo. Esse arranjo projeta na história uma unidade que, na realidade, não existiu, a não ser como parte da política de determinadas organizações e grupos existentes especialmente na França. Tal unidade seria a base da formulação da proposta de síntese de Sebastien Faure e imediatamente torna-se objeto de crítica e oposição. O próprio Sebastien Faure deixa essa dimensão emergir: “Eu digo que não é a existência desses três elementos – anarco-sindicalismo, comunismo libertário e anarco-individualismo – que tem causado a debilidade ou, mais exatamente, o enfraquecimento relativo do pensamento e da ação anarquistas, mas unicamente a posição que uns e outros têm tomado em relação aos demais: posição de guerra aberta, encarniçada, implacável (...) De que sofre o movimento anarquista? Da guerra que travam entre si os três elementos que o compõem. Se por sua origem, caráter, métodos de propaganda, organização e ação, estes elementos se vêem condenados a enfrentar-se, a solução que proponho não serve para nada; seria inaplicável; seria inoperante; esque-

12 “Todd May, nos Estados Unidos, Salvo Vaccaro, na Itália, Edson Passetti, no Brasil e Christian Ferrer, na Argentina, entre outros, postulam uma continuidade entre as duas correntes de pensamento, entendendo que, na tradição histórica do Anarquismo, pode-se encontrar um contexto mais geral a partir do qual o pós-estruturalismo seria melhor avaliado. Enquanto um pensamento libertário, este opera de modo descentralizado, plural, anti-hierárquico e renovador, ao enfrentar as questões de nossa atualidade” (Rago,2009).

13 O conceito de anarquismo sintetista foi o resultado de experiências históricas e lutas entre diferentes grupos. Ele surge como resultado da evolução da perspectiva de Piotr Kropotkin, sendo Sebastien Faure seu formulador. Nesse conceito podemos encontrar os seguintes elementos: a) o anarquismo é dividido em três correntes, diferentes, mas não opostas, que são a expressão da “diversidade e pluralidade da vida”; b) as correntes são o anarco-sindicalismo, o comunismo libertário e o individualismo; c) a unidade entre estas correntes é que produziria a “força” do anarquismo como movimento.

çamos de empregá-la e busquemos outra”. Ou seja, a visão de que a luta e o conflito era um “problema” que deveria ser resolvido pela “harmonia” das correntes numa síntese análoga à “síntese na química”.

Esse conceito sintético de anarquismo é ele próprio o produto de uma interpretação, formada como parte da luta entre diferentes organizações e concepções nos anos 1920 e 1930¹⁴. O conceito de síntese tenta justificar uma proposta de unificação de práticas e ideias antagônicas. No início do século xx existiam pelo menos três diferentes usos e interpretações da categoria anarquismo: a) os sindicalistas insurrecionalistas (chamados, dependendo do país, de anarcossindicalistas ou sindicalistas revolucionários), que entendiam que o anarquismo era política para a luta de classes e revolução e que a organização das massas (sindical e insurrecional) era o centro da ação anarquista; b) os grupos anarco-comunistas educacionistas kropotkinianos, que defendiam que os círculos educacionais anarquistas deveriam ser o centro da estratégia e que as massas deveriam ser apenas alvo da propaganda e de uma lenta transformação moral; c) os individualistas, que abrangiam duas categorias muito distintas: intelectuais, que realizavam a defesa do indivíduo liberal e a crítica da autoridade como centro, e, nesse sentido, entendiam o anarquismo como ultraliberalismo; e os “terroristas”, que consideravam que a violência era o foco da ação revolucionária. Na primeira categoria, temos os cenetistas espanhóis, que acreditavam estar continuando o trabalho de Bakunin e da AIT; Malatesta e os anarco-comunistas italianos, que recusavam o coletivismo bakuninista, mas concordavam que a ação de massas era o centro da atividade e se opunham aos sindicalistas puros e educacionistas nesse aspecto. O segundo grupo abrangia inúmeros grupos e círculos de propaganda e educação, que recusavam qualquer ação no interior do movimento de massas como “autoritária”, mantendo relações não orgânicas; e no terceiro grupo estavam os intelectuais e artistas, como, por exemplo, Tolstói e outros, além de inúmeros expropriadores. Esses grupos mantinham às vezes relações de cooperação pontual, ações comuns, mas mantinham estruturas organizativas e concepções de mundo distintas.

14 As cisões no anarquismo internacional remontam ao século xix, mas as no século xx ocorrem a partir do Congresso de Amsterdã, em 1907, no qual são definidas certas posições antagônicas. Desde então, diferentes interpretações do anarquismo ocuparão o espaço do debate. A perspectiva de uma “síntese” surgiu em oposição à outra proposta, a do “Plataformismo”. De maneira geral, podemos dizer que o tema principal do sintetismo era manter a unidade interna dos anarquistas. Os plataformistas estavam preocupados em como os anarquistas deveriam manter uma relação com as organizações de massas para garantir a vitória da revolução. Assim, na perspectiva sintetista, a unidade dos anarquistas teria prioridade sobre a luta de classe e a revolução, o que levou a um progressivo distanciamento do movimento operário e popular (como ocorrera antes com a interpretação educacionista, no final dos anos 1880).

Ou seja, cada setor construía uma ação e uma visão de mundo antagonica e entendia por anarquismo práticas e ideias completamente diferentes. Ao se definir o conceito de anarquismo como plural, mas supondo uma harmonia e uma síntese, considera-se que estas interpretações e visões de mundo seriam secundárias e que existiria uma essência unificadora. É exatamente aqui que o conceito anarquista baseado na síntese converte-se numa pré-noção, pois, ao exaltar a pluralidade como um “valor”, ele projeta na história uma harmonia que só existiu como parte da política “sintetista”. A partir da formulação do conceito de síntese, todos aqueles que tentavam apontar que na realidade não existia um conceito “unificador” de anarquismo, mas que cada um deles supunha diferentes teorias e práticas, foram acusados de autoritários, como aconteceu com Nestor Makhno e os “Plataformistas” nos anos 1920. Por mais que se falasse da pluralidade, o conceito sintetista criou uma unidade: o “movimento anarquista” composto por três “correntes” e qualquer um que tentasse aprofundar quais seriam as diferenças teóricas e práticas dos grupos que reivindicam o anarquismo era percebido como ameaça à “unidade e pluralidade”, já que isso implicaria retomar a luta teórica e prática pelo uso da categoria anarquismo. Efeito perverso, o conceito sintetista impõe a unidade e a harmonia como pré-condição da pluralidade.

Logo, o estudo sobre o anarquismo, seja na visão historiográfica ortodoxa (marxista) ou na heterodoxa (marxista crítica, libertária, pós-estruturalista), não problematiza metodologicamente (ou pelo menos não suficientemente) o conceito de anarquismo, não faz o exercício de afastar pré-noções (ou conceitos dominantes) que negam a especificidade da historicidade, discursividade e experiência, e, em nome da pluralidade, instituem um conceito unificador apriorístico. Então é preciso destruir este conceito a priori, o anarquismo como “movimento síntese de correntes” ou ainda como mera definição negativa e inversa do marxismo, e fazer uma história das organizações concretas, das suas teorias e ideias, da sua prática e do seu confronto na história. Essa é uma tarefa que realizamos aqui, ao propor uma definição do conceito de anarquismo a partir de três critérios: a) historicidade (delimitação clara do contexto histórico-social dos acontecimentos e processos); b) discursividade (regras discursivas e condições sociais e políticas de emergência e enunciação dos temas que caracterizam o anarquismo); c) experiência (ou a prática geradora de sentido que opera sobre os contextos). É nesses marcos que a presente publicação se coloca. Nesse sentido, ao invés de partir de uma categoria discursiva, o “movimento anarquista”, como noção a priori, iremos partir da experiência concreta das organizações e grupos políticos na sua historicidade e ver como essa história se pluraliza, através de ressemantizações que expressam lutas pela definição do conceito de anarquismo através da experiência social-histórica.

A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Em 1895, quase vinte anos após a morte de Mikhail Bakunin, foi publicado por Max Nettlau o primeiro tomo de uma série de seis, intitulada *Oeuvres* [Obras], continuada a partir do segundo tomo por James Guillaume. A série contém alguns dos escritos cujas traduções estão reunidas no presente volume: *O Império Knuto-germânico e a Revolução Social* (parte 1 e 2); *Considerações filosóficas sobre o Fantasma divino, o Mundo real e o Homem* (apêndice ao *O Império Knuto-germânico*). Além destes, os volumes das *Oeuvres* compilam ainda outros textos completos, cartas e fragmentos escritos por Bakunin. As introduções, prefácios e demais escritos complementares da autoria dos editores revelam um cuidadoso trabalho de investigação filológica e histórica, e de reflexão sobre a escrita de Bakunin, sobre a relação desta com as demais atividades de sua militância, e a evolução de seu pensamento. Max Nettlau e James Guillaume fazem um relato minucioso da trajetória geralmente turbulenta das obras, dos diversos manuscritos paralelos que Bakunin combinava até a impressão, passando por perdas e equívocos de parte das pessoas que serviram de intermediários. Um caso emblemático é o de *Deus e o Estado*, talvez o escrito mais conhecido de Bakunin, editado e publicado por Carlo Cafiero e Élisée Reclus. Tal edição é um recorte da segunda parte do *O Império Knuto-germânico*, com deslocamentos de certos trechos e exclusão de outros, e com algumas linhas escritas e inseridas pelos próprios editores. Na edição de James Guillaume consta, intercalada ao texto, a numeração das folhas do manuscrito original. Esta numeração (|138, |139, etc.) foi mantida na tradução do texto citado porque as notas de Guillaume a utilizam como referência, indicando as passagens alteradas ou excluídas em *Deus e o Estado*, entre outras informações.

O Prefácio de James Guillaume ao *O Império Knuto-germânico*, que faz parte do tomo II da série *Oeuvres*, publicado em 1900, foi escolhido dentre os diversos outros textos complementares para se somar ao presente volume, justamente por ajudar a esclarecer a história do *Império Knuto-germânico* e por contribuir com a análise da obra de Bakunin em geral. O presente livro reúne escritos do período de 1864 e 1872. Todos são textos integrais, reunidos sob a forma dos seus manuscritos originais depositados no International Institute of Social History, Amsterdã, Holanda. As notas de rodapé da apresentação e introdução são de autoria dos respectivos autores. Para elaboração das notas de rodapé no corpo do livro empregamos as seguintes abreviações de autoria: Nota do Tradutor: NT; Nota de Mikhail Bakunin: NB; Nota de James Guillaume NG; Nota de Max Nettlau: NN; Nota de Arthur Lehning: NL.

Classificamos os documentos em: a) documentos secretos; b) livros ou obras publicadas; c) manuscritos¹⁵. O nosso critério para classificação e seleção dos documentos foi o seguinte: fizemos o esforço de selecionar documentos que tivessem a forma da argumentação acabada, ou seja, que apresentassem uma integridade textual, como no caso dos documentos secretos. Vários esboços constam dos manuscritos sobre o tema da Fraternidade e da Organização secreta, mas esses documentos são aqueles que apresentam a estrutura completa de documentos que foram acabados pelo próprio autor e nos quais a argumentação apresenta início, meio e fim. Os documentos classificados como obras publicadas são aqueles que foram impressos e tiveram circulação pública durante a vida do autor e estão marcados por um contexto histórico ao qual se dirigem, sendo a aplicação do pensamento de Bakunin a problemas históricos particulares. Os critérios utilizados foram a comprovação da sua publicação e circulação em vida, sendo parte de uma intervenção política dentro de um determinado contexto histórico, além do fato de estarem relacionadas por conteúdo tanto aos temas desenvolvidos nos documentos secretos quanto aos manuscritos subsequentes. Por fim, os manuscritos foram selecionados a partir de dois critérios: integridade e sentido da argumentação dos textos; relação com a teoria e argumentação dos textos anteriores, em coerência com a própria proposta editorial do presente livro, qual seja de apresentar ao mesmo tempo a teoria social e materialista de Bakunin e sua teoria da revolução. Dessa maneira, uma vasta documentação permanece ainda por ser explorada.

No primeiro conjunto, documentos secretos, estão cartas escritas e endereçadas a radicais suecos sobre a fundação de uma organização clandestina denominada “Fraternidade Internacional”. Existem registros históricos que atestam o diálogo de Bakunin com democratas e radicais suecos no ano de 1864. Os três primeiros documentos são desdobramentos desse processo de elaboração teórica e arregimentação de militantes para a organização secreta, que começa nesse ano. Aí estão os seguintes documentos:

a. Documento Secreto I – Programa de uma sociedade internacional secreta da emancipação da humanidade¹⁶.

15 Deve-se observar que alguns dos manuscritos foram publicados postumamente por James Guillaume e outros.

16 As referências do documento são como seguem. Sem título no original. País: Suécia. Depositado no IISH. titre: Programme d'une société internationale secrète de l'émancipation de l'humanité. titre de l'original: (vazio). date: septembre-octobre 1864. lieu: Stockholm pays: Suède. source: Stockholm, Kungliga Biblioteket Ep.S.42. langue: français

b. Documento Secreto II – Projeto de organização da Família dos Irmãos escandinavos. Projeto de uma organização secreta internacional¹⁷.

c. Documento Secreto III – Programa provisório convencionado pelos irmãos fundadores.

Os três documentos apresentam, ao mesmo tempo, a relação entre a teoria da revolução, a forma dialética como Bakunin concebia o processo revolucionário e um programa de ação e construção da sociedade socialista. Estas formulações demarcam também o campo de problemas teóricos que serão abordados nos demais documentos, possibilitando que vejamos a coerência da evolução do pensamento de Bakunin.

Os documentos secretos não tinham títulos originais, e, dessa maneira, fizemos uma indexação pelas suas características específicas. Ao mesmo tempo, mantivemos os títulos atribuídos pelo arquivo do IISH, para facilitar a identificação e caracterização dos mesmos. Nos documentos secretos existe a teoria da organização política e a teoria materialista e dialética negativa de Bakunin aplicada à análise da história. Eles estão encadeados aos livros publicados, de maneira que as obras publicadas desenvolvem os princípios teóricos e políticos apresentados nos documentos secretos e seu desenvolvimento filosófico.

O livro aqui publicado, “O Império Knuto-germânico e Revolução Social”, foi publicado pela primeira vez em meio a guerra franco-prussiana. Os problemas da guerra, paz e revolução ocupam o centro dessa publicação. Esse livro deve ser lido também como um desdobramento do livro “Federalismo, Socialismo, Antiteologismo”¹⁸.

a. Obra Publicada I – O Império Knuto-germânico e a Revolução Social¹⁹.

17 As referências do documento são como seguem. Sem título no original. País: Suécia. Depositado no IISH. título: Projet d'organisation de la Famille des Frères scandinaves. Projet d'une organisation secrète internationale. título de l'original: (vazio). date: octobre 1864. lieu: Stockholm pays: Suède. source: Stockholm, Kungliga Biblioteket Ep.H.7:1. langue: français.

18 A obra teria sido publicada como parte dos anais do “Congresso da Liga da Paz e Liberdade” realizado em 1867. Problemas diversos (políticos e técnicos) comprometeram a publicação e a mesma foi realizada no ano de 1868, mas segundo os registros de forma relativamente incompleta. O próprio Bakunin projetou uma mudança no título para “A Questão Revolucionária: Federalismo, Socialismo, Anti-teologismo”. Optamos por incluir nas obras publicadas porque as teses foram apresentadas publicamente e mesmo que parcialmente, circularam ainda durante a vida de Bakunin.

19 Obra de Bakunin que analisa a guerra franco-prussiana, publicada pela primeira vez em 1871, em Genebra, pela Imprimerie Cooperative (Gráfica Cooperativa), sob o

O primeiro Manuscrito, intitulado “Sofismas históricos da Escola doutrinária dos comunistas alemães”, é o segundo volume do livro “O Império Knuto-Germânico” e consiste de uma crítica teórica do comunismo. O segundo manuscrito, “Considerações Filosóficas”, é a obra em que Bakunin apresentou de forma mais completa e acabada o seu sistema de pensamento, em linguagem científica e sistemática. O terceiro manuscrito, “A Alemanha e o Comunismo de Estado”, apresenta uma crítica da visão estatista do marxismo, e também da sua visão industrialista. Em seu conjunto, esses manuscritos estão especialmente demarcando a diferença do pensamento de Bakunin em relação ao marxismo e ao comunismo.

a. Manuscrito I – O Império Knuto-germânico e a revolução social – segundo volume: Sofismas históricos da Escola doutrinária dos comunistas alemães

b. Manuscrito II – Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, a natureza e o homem (Apêndice ao O Império Knuto-germânico e a revolução social).

c. Manuscrito III – A Alemanha e o comunismo de Estado.

O livro “O Império Knuto-Germânico” e seus diversos apêndices²⁰ marcam a interpretação de Bakunin da Guerra Franco-Prussiana, da política europeia e especialmente delimitam a diferença entre sua concepção de materialismo e a concepção da social-democracia alemã de Marx e Engels. Um destaque especial deve ser dado a dois textos: “Federalismo, Socialismo Anti-teologismo” e “Considerações Filosóficas”. São os textos em que o método científico de Bakunin é explicitamente formulado, de maneira que é possível perceber a continuidade entre a crítica teórica e a prática revolucionária.

Desse modo, o livro aqui apresentado visa contribuir para o preenchimento de duas lacunas, que sintetizam os dilemas colocados pelo estado dos estudos de anarquismo no Brasil. A primeira lacuna é a ausência de uma base documental global sobre o anarquismo como teoria, tal como formulada no

título “A Revolução Social ou Ditadura Militar”. Consta uma errata que substituiu o título pelo novo “O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social”. Diversos outros erros aconteceram na composição tipográfica do livro na gráfica, e uma série de cartas de Bakunin a Ogarev e Ozerov, responsáveis pela composição, assim como algumas notas de James Guillaume, atestam o descuido destes. Publicado conforme o manuscrito original por James Guillaume em (Euvres, Tomo II, P.V. Stock, 1907, Paris.

20 Nem todos estão publicados no presente volume. Existem ainda, pelo menos, um preâmbulo à segunda parte, uma Advertência para o texto inteiro e um Fragmento de continuação, publicadas no tomo IV das (Euvres publicadas por James Guillaume, além das Erratas publicadas pela própria Imprimerie Cooperative.

movimento socialista internacional. Assim, fornecemos textos e documentação inédita em língua portuguesa que possam dar um sentido diferente para a história dos trabalhadores, do socialismo e do anarquismo como fenômeno do sistema mundial²¹. Além disso, reunimos textos anteriormente publicados, mas devidamente contextualizados em função do arquivo em que se encontram e ressignificados pela sequência de obras e processos históricos na qual se localizam. Pretendemos dar uma visão global e fazer emergir desses documentos aquilo que Bakunin produziu: uma teoria social e uma teoria da revolução. Uma segunda lacuna para cujo preenchimento pretendemos dar uma contribuição e, nesse sentido, auxiliar no estudo da história das lutas sociais, é a da definição do anarquismo enquanto categoria (social, histórica e sociológica).

O presente livro tem por objetivo também contribuir para a sistematização e a atualização da teoria revolucionária. Iremos aqui fazer o esforço de tratar as fontes históricas dentro de seu contexto de produção para apreender os sentidos atribuídos pelos agentes às suas práticas e discursos. Para que essa publicação fosse viável, contamos com o apoio dos integrantes do Núcleo de Estudos de Poder²² e outros colaboradores, e gostaríamos de registrar aqui o nosso agradecimento à Everardo Borges Cantarino, Vanessa Hacon e Daniela Caruza Ferreira que ajudaram na revisão do presente livro. Podemos então agora fazer uma contextualização histórica mais ampla e propor algumas hipóteses sobre a história do anarquismo e evolução contraditória da classe trabalhadora no sistema mundial.

21 Essa abordagem do movimento operário centrada na ideia de sistema mundial e internacional é desenvolvida em obras como “Workers Themselves” (Thorpe, 1989).

22 NEP-UFRRJ, Grupo de Pesquisa coordenado por Andrey Cordeiro Ferreira.